

Identificação do Objeto



Número: 84.019
Coleção: Museu do Zebu
Categoria do Acervo: Arte e Decoração
Classificação: Uso decorativo, artístico, histórico e relicário
Título: Cabeça de Boi “Chave de Ouro”
Data e Modo de Aquisição: 27.03.1984 / doação
Código do Doador: 006
Data atribuída: 1ª metade do século XX
Material e Técnica: Taxidermia (preservação química)
Origem: Uberaba, MG
Conservação: Regular
Dimensões: 106 x 98, 5 x 10 Cm.

Descrição e Dados Históricos do Objeto

Cabeça de animal bovino da raça gir, de nome Chave de Ouro, nascido em 1951 e morto em 1967. Pertenceu ao criador Rodolfo Machado Borges, um dos pioneiros nas importações do Zebu entre o século XIX e XX e membro da família proprietária da Fazenda Laranjeiras em Uberaba - MG. Uma época em que a Guerra do Paraguai ajudava a promover o aumento populacional acentuado em função dos batalhões ali sediados, provocando intensa urbanização ao concentrar interesses econômicos do Triângulo Mineiro e das Províncias de Goiás e Mato Grosso. A cidade postulava-se como importante centro do comércio, onde a chegada das linhas de trem contribuiu para interligar os interesses dos estados emergentes do sudeste. É neste contexto que surge a atuação do criador, em 1906, adquirindo, em conjunto com outros pioneiros, as primeiras espécies zebuínas da região, dando início a um plantel histórico consolidado com o registro de nº 1 para o touro “Martelo” e a matriz “Moreninha”, como os primeiros animais da raça gir registrados no Brasil. O touro Chave de Ouro recebeu esse nome por representar, nas palavras do pecuarista, “um animal que fechava uma era e abria outra para a raça no Brasil.” Rodolfo faleceu no dia 17 de fevereiro de 1955, aos 74 anos de idade, legando à zebuicultura no Brasil a marca “R”, sugerindo a letra inicial de seu nome. Segundo a revista Girista.com (Ano I, Edição de nº 2, fevereiro de 2012), existem relatos no sentido de que quando nasceu o boi, Rodolfo encontrava-se doente, onde solicitou a visita solene do bezerro aos seus aposentos. Emocionado, comunicou que aquele animal deveria ser registrado com esse nome, pois sabia encerrar ali, sua vida de “girista”. Muitos de seus parceiros dizem que a frase era outra: “Comecei com Bey (um entre os animais puro sangue zebu adquirido por ele) e estou encerrando com ‘Chave de Ouro’”. O certo é que o boi (também chamado carinhosamente de “Velho”) foi o mais alto lugar no pódio alcançado pela marca R, segundo palavras do próprio Rodolfo, que também havia afirmado em tom profético que esse touro “fecharia com chave de ouro o seu trabalho diante do zebu e descortinaria um grande futuro para o gir”. Outro ponto polêmico, segundo o artigo da revista citada

anteriormente, é que Chave de Ouro esteve presente na Exposição de São Paulo, em 1952, como sendo filho de Humaitá (Baependy Vitória), porém sagrou-se Campeão Nacional, em 1956, na cidade de Uberaba, como sendo filho de Bey (Gandhi/Cabana I) x Anabela (Bey/Francesinha). Talvez esteja na consideração que ele teve com relação ao Bey como seu reprodutor mais próximo do ideal dentro da raça Gir para o Brasil que o fez mudar a paternidade de Chave. Criadores mais antigos, complementa a revista, dizem que isso era muito próprio do Rodolfo, que todo ano promovia um touro colocando-o como pai dos principias bezerros nascidos no ano anterior. Chave de Ouro foi, a pedido da família Machado Borges, embalsamado pelo embalsamador, taxidermista e naturalista, Giovanni Magrin, natural e residente na cidade de Franca – SP. Poucos anos depois foi doado ao Museu do Zebu em 27 de fevereiro de 1984 por Rivaldo Machado Borges, filho de Rodolfo, que assim decidiu pelo bem da preservação da memória de seu pai e a sua contribuição para a pecuária zebuína. O objeto é representado pela valorização da cabeça e pescoço originais do animal, preservados pela técnica química conhecida como taxidermia, usada para a criação de coleção científica ou para fins de exposição, bem como uma importante ferramenta de conservação e preservação da memória. Essa prática tem como principal objetivo o resgate de espécimes descartados, reconstituindo suas características físicas e, às vezes, simulando seu habitat o mais fielmente possível para que possam ser usados como ferramentas para educação ambiental ou como material didático, o que não é o caso desse exemplar. É possível notar que o animal possui todas as características da raça Gir, sendo os chifres e as orelhas grandes, a pelagem pintada de cor clara e escura, com predominância da cor marrom. Está preso a uma moldura de madeira, com acabamento envolto por cordão de cor vermelha. Na parte inferior do seu busto, encontram-se costuras feitas em linha específica, sendo o estado de conservação considerado bom. Sua importância histórica atesta, entre outras relevâncias, a paixão dos criadores pelo impulso pioneiro que traziam ao investir e acreditar no progresso da pecuária zebuína a partir de exemplares que, segundo as muitas experiências, acabavam se tornando objeto de reverência, carinho e mesmo culto, como foi o caso desse animal.